

PODE ENTRAR! SEJA BEM-VINDO!



"[19] Portanto, irmãos, por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo, [20] Por sua morte, Jesus abriu um caminho novo e vivo através da cortina que leva ao lugar santíssimo. [21] E, uma vez que temos um Sumo Sacerdote que governa sobre a casa de Deus, [22] entremos com coração sincero e plena confiança, pois nossa consciência culpada foi purificada, e nosso corpo, lavado com água pura." (Hebreus 10.19-22 – Nova Versão Transformadora)

Em quase tudo o que fazemos, ou, pelo menos, em quase todas as decisões que tomamos, direta ou indiretamente, passamos por algum tipo de avaliação. Somos avaliados constantemente, pelas mais diversas formas, sobre o quão bom nós somos naquilo que fazemos – seja na maneira como demonstramos nossos atributos culinários, na forma como dirigimos uma empresa, um veículo, e até mesmo pelo modo como criamos nossos filhos ou conduzimos nossa carreira profissional.

Ser bom em algo é relativamente fácil. Tudo o que precisamos é fazer o que os outros nos dizem para fazer, um pouco melhor do que eles esperam. Todos nós temos expectativas acerca de tudo. Se atingirmos essa expectativa – sem ultrapassá-la – seremos considerados bons. Mas para sermos excelentes em algo, precisaremos deixar essa zona de conforto. Precisaremos ultrapassar as expectativas comuns e seguirmos adiante em direção ao excepcional. Todo esse esforço, no entanto, não é nada confortável. Por isso que, para um grande número de pessoas, atingir apenas as metas iniciais já é suficiente. Para gente assim, feito é melhor do que perfeito. De modo que não é sempre que vemos a necessidade de melhorar aquilo em que já somos bons. Por isso aceitamos, muitas vezes sem resistência, a procrastinação e até mesmo a estagnação. Como bem disse certa vez o escritor e filósofo iluminista francês François-Marie Arouet (1694–1778), mais conhecido como Voltaire, “*o bom é inimigo do ótimo*”.

Na vida cristã, principalmente no que tange o nosso relacionamento com Deus, podemos facilmente agir da mesma forma. É possível que a maioria de nós – ou pelo menos alguns de nós – tenha optado por um grau de espiritualidade considerado bom aos olhos de outras pessoas, mas abaixo daquilo que Deus espera. Se formos sinceros e honestos conosco mesmos, seremos obrigados a admitir que, na maioria das vezes, nos encontramos aquém do modelo ideal de adorador ensinado pelo Senhor Jesus. A passagem bíblica acima, nos confronta com essa triste realidade e nos aponta uma postura alternativa para o modo como nos relacionamos com pessoa a quem chamamos de Deus.

A Epístola aos Hebreus é direcionada a um grupo de judeus convertidos ao cristianismo que, a despeito de terem sido alcançados pela graça salvadora presente no sacrifício do Senhor Jesus na Cruz

do Calvário, continuavam a viver de acordo com a lei mosaica, com suas diversas ordenanças e rituais litúrgicos. Era como se eles não tivessem entendido, de fato, os efeitos da morte e ressurreição de Cristo. O autor de Hebreus, então, trata desse assunto. Na Epístola ele se refere literalmente, e depois metaforicamente, ao maior e mais importante ritual litúrgico praticado pelos judeus: o *Yom Kipur* – o Dia do Perdão. Uma data anual dedicada ao arrependimento e considerado o dia mais sagrado no calendário judaico. Tratava-se de um dia de jejum, introspecção e autoanálise que culminava com a cobertura do pecado geral do povo e presença manifesta de Deus diante da nação. Mas para isso, uma série de ritos deveria ser detalhadamente cumprida. Vejamos:

Uma vez por ano o sumo sacerdote – e apenas ele – recebia autorização para comparecer diante do lugar santíssimo, também chamado de “Santo dos Santos”. Tratava-se de um cômodo em formato quadrado, sem janelas, cuja entrada era protegida por um véu. Se alguém, que não fosse o sumo sacerdote, ousasse entrar no lugar santíssimo, morreria instantaneamente. A razão era que aquele ambiente simbolizava a presença manifesta do Deus Santíssimo, que não pode ser visto ou tocado pela humanidade pecadora (cf. Êxodo 33.20-23; Hebreus 12.14). Antes de entrar no santíssimo lugar, o sumo sacerdote passava três dias estudando toda a Lei de Deus, para se certificar de que nenhum mandando havia deixado de ser cumprido por ele, e pelo povo. Na noite que antecedia sua entrada no lugar santíssimo, o sumo sacerdote não dormia, com medo ou receio de que sonhasse com algo que o tornasse impuro ou indigno de exercer a função sacerdotal. Na ocasião da cerimônia do *Yom Kipur* o sumo sacerdote ficava de frente para o lugar santíssimo, tomava um incensário e, com uma das mãos além do véu, balançava o incensário até que o lugar se enchesse de fumaça. Em seguida ele entrava no santuário de joelhos e fazia os sacrifícios totalmente às cegas. Eram dois sacrifícios oferecidos: um pelo próprio sumo sacerdote e outro em favor do povo. Durante a oferta de sacrifícios o sumo sacerdote carregava certo tipo de chocalhos que emitiam sons quando se movia. Além disso, o sumo sacerdote também tinha uma corda amarrada ao seu tornozelo direito. Se durante os sacrifícios, os chocalhos parassem de emitir barulhos, era sinal de que os sacrifícios haviam sido rejeitados por Deus e que o sumo sacerdote estava morto. Se isso acontecesse, o corpo do sumo sacerdote era puxado do santíssimo lugar, pelos sacerdotes, através da corda presa ao tornozelo do falecido. Mas se os sacrifícios fossem aceitos, uma nuvem de fumaça emergia da tenda de adoração, como sinal para o povo de que os sacrifícios foram aceitos e o pecado de toda a nação havia sido coberto.

Com o sacrifício do Cristo, porém, tudo mudou. A Palavra de Deus afirma que, após cumprir todas as coisas, o Senhor Jesus “clamou em alta voz e deu o último suspiro. **A cortina do santuário do templo se rasgou em duas partes, de cima até embaixo**” (cf. Marcos 15.37-38 – NVT). Por meio da morte de Cristo, a separação entre Deus e a humanidade, por meio do véu, deixou de existir. Agora, como escreveu o autor da Epístola aos Hebreus, “por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo. Por sua morte, Jesus abriu um caminho novo e vivo através da cortina que leva ao lugar santíssimo” (vv. 19-20).

Em Cristo temos livre acesso à presença do Pai. Podemos nos aproximar de Deus “*com coração sincero e plena confiança, pois nossa consciência culpada foi purificada, e nosso corpo, lavado com água pura*” (v. 22). Afinal, como bem declarou o profeta João Batista, o Senhor Jesus Cristo “*é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!*” (cf. João 1.29 – NVT).

Portanto, pode entrar! Seja bem-vindo aos braços do Pai. “*Porque Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Deus enviou seu Filho ao mundo não para condenar o mundo, mas para salvá-lo por meio dele*” (João 3.16-17 – NVT). Nós já não somos estranhos e forasteiros, mas concidadãos do povo santo e **membros da família de Deus**. Juntos, somos sua casa, edificadas sobre os alicerces dos apóstolos e dos profetas. Em Cristo Jesus, somos firmemente unidos, constituindo um templo santo para o Senhor (cf. Efésios 2.19-21).

Soli Deo Gloria.